

O Memorial da Resistência de São Paulo — instituição da Secretaria de Cultura do Estado gerida pela Associação Pinacoteca Arte e Cultura — é devotado à preservação das memórias da resistência e da repressão políticas do Brasil republicano, partindo da musealização de seu edifício, no qual funcionou entre 1940 e 1983 o Departamento Estadual de Ordem Política e Social, Deops/SP. Hoje este lugar de memória apresenta aos mais diversos públicos não só a brutalidade do sistema de controle e repressão no país, mas em especial a trajetória de resistência dos que lutaram por um país democrático e livre.

Num cenário atual em que graves violações aos direitos humanos — cometidas em especial no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) — são relativizadas politicamente e sob ameaça de novos autoritarismos, a instituição passa a ter papel fundamental na construção da memória e da crítica no Brasil contemporâneo.

Trazer a público o tema do trauma provocado por regimes autoritários, assim, torna-se uma poderosa ferramenta de conscientização e reflexão. É dessa premissa que nasce a exposição “Hiatus: A memória da violência ditatorial da América Latina”, uma parceria do Memorial da Resistência de São Paulo com o Goethe-Institut São Paulo e o Instituto de Estudos Avançados da USP.

Com curadoria de Marcio Seligmann-Silva, a exposição promove o encontro de oito artistas que vêm se dedicando de modo original e expressivo ao tema da memória — Andreas Knitz, Clara Ianni, Fulvia Molina, Horst Hoheisel, Jaime Lauriano, Leila Danziger, Marcelo Brodsky e Rodrigo Yanes — com pesquisas que emergem e dialogam com os resultados das Comissões da Verdade e a continuidade de violações semelhantes no mundo contemporâneo.

Tal iniciativa potencializa, assim, a ação do Memorial da Resistência de São Paulo como uma instituição de seu tempo que, pelo poder da memória e da arte, luta para que as ditaduras sejam somente hiatos, fissuras do passado, em países comprometidos com a democracia — e não o contrário.

Jochen Volz
Diretor Geral
Associação Pinacoteca de Arte e Cultura

Marília Bonas
Coordenadora
Memorial da Resistência de São Paulo

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN
Governador do Estado
JOSÉ LUIZ PENNA
Secretário de Estado da Cultura
ROMILDO CAMPELLO
Secretário-adjunto de Estado da Cultura
REGINA CÉLIA POUSA PONTE
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Conselho de Orientação Cultural do Memorial da Resistência de São Paulo
Antônio Visconti
Carla Juliana Pissinatti Borges
Lauro Pereira Ávila
Maria Cristina Oliveira Bruno
Marlon Weichert
Maurice Politi
Renan Honório Quinalha

ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E CULTURA — APAC
Organização Social de Cultura

Diretor Geral
Jochen Volz
Diretor Administrativo e Financeiro
Marcelo Costa Dantas
Diretor de Relações Institucionais
Paulo Romani Vicelli

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO

Coordenadora
Marília Bonas
Coordenadora do Programa Educativo
Aureli Alves de Alcântara
Educadores
Ana Carolina Ramella Rey Ammon
Alessandra Santiago da Silva
Daniel Augusto Bertho Gonzales
Larissa Yuri Oyadomari
Marcus Vinícius Freitas Alves

Programa de Pesquisa
Camila Alvarez Djurovic
Julia Cerqueira Gumieri
Luiza Giandalia Ramos
Estagiário
Luiz Felipe Simões Cranwell Correa

apoio



realização



Exposição HIATUS — A memória da violência ditatorial na América Latina

21 de outubro de 2017 a 12 de março de 2018

Curadoria
Marcio Seligmann-Silva
Produção
Marcio Seligmann-Silva
Marília Bonas
Fúlvia Molina
Artistas Convidados
Andreas Knitz
Clara Ianni
Fúlvia Molina
Horst Hoheisel
Jaime Lauriano
Leila Danziger
Marcelo Brodsky
Rodrigo Yanes

Ação Educativa
Equipe do Programa de Ação Educativa

Apoio
Área de Infraestrutura da Pinacoteca de São Paulo
Área de Projetos Culturais da Pinacoteca de São Paulo
Área de Conservação e Restauro da Pinacoteca de São Paulo
Comunicação Visual e Projeto Gráfico
Ludovico Desenho Gráfico

Agradecimentos
Paulo Saldiva
(diretor do Instituto de Estudos Avançados, IEA-USP)
Katharina Ruckteschell-Katte
(diretora do Goethe Institut São Paulo)
Martin Bach
(Goethe Institut São Paulo)
Katia Filipini
(Memorial da Resistência)
Paulo Endo
(IPUSP/ IEA-USP)
Lua Gill da Cruz
(IEL-UNICAMP)
Liniani Haag Brum
(IEL-UNICAMP)
Luciana Araujo Marques
(IEL-UNICAMP)
Ariani Sudatti
(advogada/ UNICAMP)
Elisabete Marin Ribas
(Instituto de Estudos Brasileiros, IEB-USP)
Janaina de Almeida Teles
(USP)
Maurice Politi
(Núcleo Memória)
Área de Conservação e Restauro da Pinacoteca de São Paulo

Memorial da Resistência de São Paulo

Largo General Osório, 66 — Luz
CEP 01213-001 — São Paulo — SP
Tel: 55 11 3335 4990
memorialdaresistenciasp.org.br
twitter.com/M_ResistenciaSP
fb.com/memorialdaresistenciasp

Logotipo da mostra criado por Horst Hoheisel



**A MEMÓRIA DA VIOLÊNCIA
DITATORIAL NA AMÉRICA LATINA**

HIATUS: a memória da violência ditatorial na América Latina

“Hiato” é uma palavra derivada do latim “hiatus” que remete às noções de falta, lacuna, interrupção, abismo. Ao propor uma exposição voltada para a memória das ditaduras na América Latina, calcada nesse universo semântico, enfatizamos tanto o fato de que essas ditaduras representaram rupturas históricas, como também que elas constituem uma “falta”, um vazio dificilmente simbolizável. É verdade que países como Argentina, Chile, Uruguai e Brasil enfrentam os seus passados ditatoriais de diferentes modos, sendo o Brasil o que menos se dispôs a encarar até agora a tarefa de elaborar aquela época, seja de forma jurídica, política ou artística, em que pese o número de filmes sobre aquele período.

Se, durante o período ditatorial, alguns artistas brasileiros resistiram com muitas obras importantes, no tempo pós ditadura eles, com raras exceções, voltaram-se mais para poéticas formalistas ou com outras agendas temáticas. No entanto, desde 2013-2014 essa paisagem tem se modificado. Uma nova linguagem de produção (pós relatório da Comissão Nacional da Verdade) tem abraçado o desafio de inscrever o passado ditatorial hoje. Pois a memória é ato, ação que se dá no presente e se articula às políticas do agora. Essas obras se dão no “tempo de agora” de que Walter Benjamin falava e visam também um “escovar a história a contrapelo”. Essa nova arte da memória elegeu lutar contra uma política do esquecimento que faz parte de modo intrínseco de nossa tradição de apagamento da memória da violência, em especial das violências de classe, racial e de gênero.

Esses artistas da memória, que têm aparecido em algumas exposições nos últimos anos, têm promovido uma outra autoimagem do Brasil: na qual os protagonistas passam a ser os que lutam na resistência contra a violência estatal e das elites. Ao invés de objetos da representação, os excluídos se tornam agentes. O “hiato” ditatorial passa também a ser visto como um momento capaz de revelar o abismo que sempre existiu em nossa sociedade que insiste em reafirmar e em reproduzir sua mentalidade colonial. O “estado de exceção” revela-se regra.

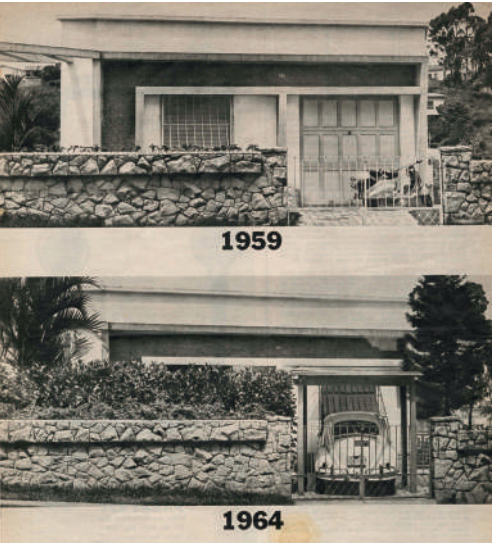
Ao colocarmos, lado a lado, nesta exposição, artistas do Brasil, do Chile, da Alemanha e da Argentina, já com vastos currículos de obras dedicadas à memória do “mal”, nossa intenção é a de iluminar essa poderosa arte. Uma arte que vai muito além de “memorializar” a barbárie: ela faz-nos pensar nas políticas de inscrição e de apagamento da violência. Ao focar nos traumas sociais, a arte permite também uma visada crítica, multifacetada e empoderadora, que ressignifica tanto o campo político como o artístico. Se Borges dizia que “Sólo una cosa no hay, el olvido” (“Só uma coisa não existe, o esquecimento”), devemos pensar que as memórias são *construídas* de diferentes formas: elas podem ser encobridoras da violência e das injustiças, ou podem ser reveladoras delas e se transforar em um ímpeto para mudanças e para uma outra cultura ética.

Márcio Seligmann-Silva



Fazer/Fusão, 2017
Andreas Knitz, Alemanha
Sistema de infusão, Relatório da Comissão Nacional da Verdade, água de chuva, aço, vidro

Memória do Esquecimento: As 434 vítimas, 2017
Fulvia Molina, Brasil
Conjunto de 6 cilindros-totens em tamanho humano, com retratos de cada uma das 434 vítimas relacionadas no Relatório da Comissão Nacional da Verdade.



Detalhes observados, 2017
Clara Ianni, Brasil
Instalação composta a partir da pesquisa dos arquivos que eram armazenados no prédio do Memorial da Resistência, antigo DEOPS, durante o regime militar.

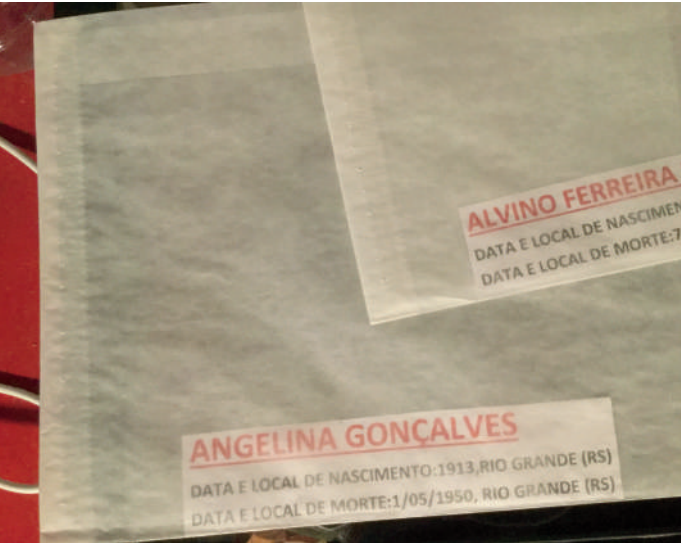
Perigosos, subversivos, sediciosos [“Cadernos do povo brasileiro”], 2017
Leila Danziger, Brasil
48 impressões jato de tinta sobre papel Hahnemühle Matt Fibre 200 montadas em PVC (30 x 25 cm cada), estantes de madeira, livros e pregos de cobre. Série realizada a partir dos livros censurados sob a ditadura civil-militar brasileira.



Varetas, 2017
Horst Hoheisel, Alemanha
Construção com 434 barras de aço (aprox. 20 x 3 x 3000 mm) com recortes do relatório da CNV e de jornais relacionados à ditadura no Brasil. Coloca-se à disposição do público canetas brancas (Edding) com as quais pode-se escrever no aço.

Justiça e Barbárie, 2017
Jaime Lauriano, Brasil
Vídeo

El rio de la Plata. Ao rio os jogaram. Ele se converteu em sua tumba, 1997
Marcelo Brodsky, Argentina
Fotografia



Posso não estar presente Mas por mais que me ausente Siempre estarei aquí, 2017
Rodrigo Yanes, Chile
Cama de madeira com colchão e roupa de cama. Uma mesa para 8 ou 10 pessoas. Pratos e talheres, copos, etc.

